

# 60 anos

## do Comício da Central

1964  
2024



**EDIÇÃO GRÁFICA DO ATO COMEMORATIVO NA SEDE DA  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, EM 13 DE MARÇO DE 2024**

# Expediente

Edição gráfica do ato comemorativo aos 60 anos do Comício da Central do Brasil. O ato, que recebeu apoio da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), foi realizado em 13 de março de 2024, no auditório do 9º andar da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro. O evento foi transmitido pelo canal ABI TV no YouTube, onde ficou gravado. No mesmo dia, ocorreu, no foyer do auditório, a inauguração da exposição *Rio 64 - A Capital do Golpe*. Uma versão virtual da exposição foi lançada no site Rio Memórias ([www.riomemorias.com.br](http://www.riomemorias.com.br)). A exposição teve curadoria dos historiadores Heloisa Starling e Danilo Marques, do Projeto República, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## DIRETORIA DA ABI (2022 - 2025)

**Presidente** Octávio Costa

**Vice-presidente** Regina Pimenta

**Diretor Administrativo** Moysés Corrêa

**Diretor Econômico-Financeiro** Geraldo Mainenti

**Diretora de Cultura e Lazer** Iara Cruz

**Diretor de Jornalismo** Moacyr de Oliveira Filho (Moa)

**Diretoria de Assistência Social** Elisabete Romero

## CONSELHO DELIBERATIVO

**Presidente** Marcos Gomes

**1.º Secretário** Laurindo Lalo Leal Filho

**2.º Secretário** Terezinha Santos

## CONSELHO CONSULTIVO

Ana Arruda Callado, Ancelmo Gois, Gabriel

Romero, José Trajano, Luiz Guilhermino, Maria Inês

Nassif, Tereza Cruvinel

## CONSELHO FISCAL

Luiz Gonzaga Belluzzo (presidente), José Mello,

Inaê Amado, José Paulo Kupfer, Luis Nassif, Malu

Martins, Cláudia Bensimon Gomes

## COMISSÕES

**Comissão de Sindicância** Beatriz Santacruz

Chargel (presidente). **Comissão de Defesa da**

**Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos**

Regina Pimenta (presidente). **Comissão de Ética**

**dos Meios de Comunicação** Regina Pimenta

(presidente). **Comissão de Igualdade Étnico-**

**Racial** Luiz Paulo Lima (coordenador). **Comissão**

**de Educação** Vitor Lório (coordenador). **Comissão**

**de Tecnologia e Inovação**: Lia Ribeiro Dias

(coordenadora). **Comissão de Meio Ambiente**

Zilda Cosme Ferreira (coordenadora). **Comissão**

**de Relações Internacionais** José Reinaldo

(coordenador). **Comissão da Mulher e**

**LGBTQIAPN+** Glória Alvarez (coordenadora).

**Representantes da ABI nos Estados** Fabio Costa

Pinto (Bahia), Salomão de Castro (Ceará), Armando

Rolleberg (Brasília-DF), Moisés Mendes (Rio

Grande do Sul), Mariana Valadares (São Paulo).

**Equipe de Apoio da ABI** Marcelo Farias Cardoso

de Moura, Robson de Almeida Ramos, Alice

Barboza Diniz e Lenildo Muniz de Farias.

**Comissão Organizadora do Evento** Barbara

Goulart, Denize Goulart, Glória Alvarez, Iara Cruz,

Isabela Goulart, Laurindo Lalo Leal Filho, Livia

Baião, Marcos Gomes, Octávio Costa, Vitor Lório e

Xico Teixeira. **Técnico de Informática** Henrique

Roque. **Edição e Projeto gráfico** Geraldo

Cantarino. **Capa** João Goulart e Maria Thereza

Goulart no comício da Central.

Foto: *Correio da Manhã*.

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Rua Araújo Porto Alegre, 71 - Centro,

Rio de Janeiro - RJ, Cep: 20030-012

Telefone: (21) 97222 1292

[www.abi.org.br](http://www.abi.org.br)



Copyright © by ABI, 2024.



Card de divulgação do ato na ABI, distribuído por aplicativos de mensagens, redes sociais e e-mail.



Ao lado e abaixo, fotos do auditório do 9º andar da sede da ABI lotado. Em primeiro plano, a família do ex-presidente João Goulart, que participou da organização do evento: a esposa Maria Thereza, a filha Denize e as netas Barbara e Isabela.



Abaixo, cartaz de divulgação e foto da exposição **Rio 64: a capital do golpe**, realizada no saguão do 9º andar da ABI.



5 1964.02.19  
pl

## CONCENTRAÇÃO POPULAR DIA 13 DE MARÇO NA CENTRAL DO BRASIL

### Aos Trabalhadores e ao Povo em Geral

As entidades sindicais e organizações que subscrevem esta convocação, na qualidade de autênticas e legítimas representantes de todas as categorias profissionais de trabalhadores da cidade e do campo, dos servidores públicos civis e militares, dos estudantes e das demais camadas e setores populares, juntamente com a Frente Parlamentar Nacionalista, convocam os trabalhadores e o povo em geral para participarem da CONCENTRAÇÃO POPULAR que será realizada no próximo dia 13 de março (sexta-feira), com início às 17,30 horas, na Praça da República (lado da Central do Brasil) e para a qual está convidado, e comparecerá, o senhor Presidente da República.

Os trabalhadores e o povo em geral demonstrarão, nessa oportunidade, que estão decididos a participar, ativamente, das soluções para os problemas nacionais e manifestarão sua inabalável disposição a favor das reformas de base, entre as quais a agrária, a bancária, a administrativa, a universitária e a eleitoral, que querem ver concretizadas neste ano de 1964.

De igual forma, manifestando em praça pública a defesa das liberdades democráticas e sindicais, exigiremos também a extensão do direito de voto aos analfabetos, soldados, marinheiros e cabos, e elegibilidade para todos os eleitores, bem como a necessidade da imediata anistia a todos os civis e militares indiciados e processados por crimes políticos e pelo exercício de atividades sindicais.

Conclamamos os trabalhadores e o povo em geral para essa demonstração cívica de unidade e patriotismo, na defesa das soluções populares e nacionalistas para os problemas brasileiros, certos de que ao povo compete, legitimamente, traçar os rumos definitivos dos destinos nacionais e de que, de sua mobilização, depende o êxito de qualquer programa que vise ao atendimento das necessidades sociais e dos supremos interesses da Nação, como a reformulação da política econômico-financeira e de medidas outras que conduzam ao fortalecimento do monopólio estatal do petróleo e a ampliação da Petrobrás, e à efetivação da Reforma Agrária, como a declaração de utilidade públi-

ca ou de interesse social para efeito de desapropriação e entrega aos camponeses sem terra, das áreas inaproveitáveis situadas às margens dos açudes, ferrovias e rodovias, cujo Decreto deverá o Presidente da República assinar na oportunidade daquele ato público.

TUDO PELA UNIDADE DO POVO E AMPLIAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA!

TUDO PELA CONCRETIZAÇÃO DAS REFORMAS DE BASE!

TUDO PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E SINDICAIS!

TODOS A CONCENTRAÇÃO POPULAR DO DIA 13 DE MARÇO, AS 17,30 HORAS, NA PRAÇA DA REPÚBLICA!

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1964

Dante Pellacani — Comando Geral dos Trabalhadores. (CGT)  
Clodsmidt Riani — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. (CINTI)  
Alfredo Pereira Nunes — Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Aéreos.  
Aluizio Palhano — Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Crédito. (CONTEC)  
Lindolfo Silva — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. (CONTAG)  
Dante A. Menezes — Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio. (CNTC)  
João Ayrton Santos — Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Terrestres.  
Carlos Taylor — Confederação dos Servidores Públicos do Brasil.  
Carlos Alberto Costa Pinto — Federação Nacional dos Jornalistas.  
Wilson Reis — Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas Telegráficas, Radiotelegráficas e Radiotelefônicas.  
Rafael Martinelli — Federação Nacional dos Ferroviários.  
Enio Silveira — Comando dos Trabalhadores Intelectuais. (CTI)  
José Paulo da Silva — União dos Portuários do Brasil.  
Marcelo Cerqueira — União Nacional dos Estudantes. (UNE)  
Bisniet Mariani — União dos Previdenciários do Brasil.  
Oswaldo Pacheco da Silva — Pacto de Unidade e Ação. (PUA)  
Hércules Corrêa dos Reis — Comissão Permanente das Organizações Sindicais. (CPOS)  
Olimpio Mendes — União Brasileira dos Estudantes Secundários. (UBES)  
Sérgio Magalhães — Frente Parlamentar Nacionalista. (FPN)  
Anna Montenegro — Liga Feminina da Guanabara.  
José Manoel de Melo — União Brasileira dos Servidores Postais e Telegráficos.

# Projeção de vídeo



Imagem do vídeo convocando os trabalhadores para a concentração popular na Central do Brasil, com narração de Paulo de Mello Bastos, secretário do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).



Paulo de Mello Bastos,  
sindicalista.

“

*Trabalhadores!*

*Convocamos todos vocês para a grande concentração popular do dia 13, sexta-feira, às 17h30, na Central do Brasil. Este convite e esta convocação não é só para os trabalhadores da Guanabara, mas de todos os estados, que possam deslocar caravanas para essa grande concentração pelas reformas. Junto com o presidente da República, os trabalhadores saberão dar a resposta conveniente àquelas forças que não acreditam de que as reformas de base tirarão o nosso país do subdesenvolvimento.*



Marcos Gomes, jornalista.

# Apresentação

Este ato, que comemora os 60 anos do Comício da Central do Brasil, está sendo transmitido pelo canal ABI TV no YouTube e também pelo Canal 6 da NET, na TV Comunitária do Rio de Janeiro. Este evento tem o apoio da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), a quem agradecemos.

O Comício da Central do Brasil reuniu mais de 200 mil pessoas no dia 13 de março de 1964. O comício, que ficaria para a história, além do anúncio das reformas de base, foi um vigoroso grito em defesa da democracia e das liberdades no Brasil. Para abrir este ato, convidamos ao palco o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Octávio Costa.

*Marcos Gomes*

PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO DA ABI



Octávio Costa, jornalista.

## Saudações iniciais

É uma honra para a ABI estar realizando este evento em homenagem ao comício de 13 de março de 1964. Esta instituição se destacou ao longo de seus 116 anos de história pela defesa da democracia. Isso está no DNA da ABI. Não apenas a defesa da democracia, mas também a defesa da liberdade de imprensa, da liberdade de expressão, dos direitos humanos, da justiça social e da soberania popular.

Quando nós, na direção da ABI, discutimos o que faríamos em relação aos 60 anos do golpe de 1964, surgiu a seguinte reflexão: todos irão falar do 1º de abril, o que será discutido em todo o país. Muito se falará sobre o golpe, os dias que o antecederam e os que se sucederam. Na verdade, essa é uma página triste da história do país, marcada pelo sofrimento do povo brasileiro e de suas famílias. E esse sofrimento foi agravado nos anos seguintes, em 1968, 1969, 1970, com a repressão sanguinária a tudo que dizia respeito à liberdade, ao desenvolvimento, ao progresso e à justiça social neste país.

Diante disso, a nossa decisão foi a seguinte: vamos buscar um símbolo de êxito do governo João Goulart (Jango). Vamos escolher uma data que deve ser celebrada. Pensamos, então, no 13 de março, no Comício da Central do Brasil.

Marcos Gomes falou aqui em 200 mil pessoas. Quer dizer, é um número; pode ter sido mais de 200 mil pessoas. Isso ao lado do Ministério do Exército, o antigo Ministério da Guerra, numa cidade que tinha cerca de 3 milhões de pessoas. Então, o comparecimento foi maciço. Uma convocação feita pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sindicatos, União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e entidades sociais, representativas dos movimentos populares neste país.

As pessoas responderam àquela convocação, cientes de que havia uma ameaça golpista no ar. Isso era mais do que conhecido publicamente. Carlos Lacerda, governador do então estado da Guanabara, concedeu uma entrevista ao *Los Angeles Times*, abordando o assunto em outubro de 1963. Após a entrevista, Jango considerou recorrer ao estado de sítio. No entanto, depois foi demovido, pois o argumento era que isso recairia sobre a classe trabalhadora e os partidos de esquerda. Houve, então, um recuo e a história prosseguiu.

O golpe vinha sendo engendrado pelos militares de extrema-direita neste país desde 1954.

Em 1954, houve uma tentativa de derrubar o presidente Getúlio Vargas. Só não tiveram êxito porque Getúlio se suicidou. Mas naquela ocasião, ficou clara a tentativa de golpe. Em 1955, tentaram impedir a posse de Juscelino Kubitschek (PSD-MG) como presidente e de Jango (PTB-RS) como vice-presidente, porém a posse foi garantida pelo marechal Teixeira Lott. Em 1961, tentaram novamente impedir a posse de João Goulart na Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros (PTN-SP). A posse só ocorreu após Leonel (PTB/RS), então governador do Rio Grande do Sul, se levantar no Sul na Cadeia da Legalidade.

E nós estamos falando aqui de um presidente da República eleito pelo povo. Uma coisa precisa ser dita: Jango era muito bom de voto. Na eleição presidencial de 1955, como candidato a vice-presidente, tendo Juscelino como presidente, Jango obteve mais votos do que Juscelino. Na eleição de 1960, novamente, ele teve uma quantidade expressiva de votos, sendo eleito vice e Jânio, presidente.

O que se diz, com base em fatos, é que havia pesquisas de opinião em 1964 que indicavam que, na eleição prevista para 1965 – que não ocorreu devido ao golpe –, Jango seria eleito com folga. Portanto, eles tinham apenas uma solução: mais uma vez, se mobilizar para derrubar João Goulart.

E o comício, e aí está a história, não foi o estopim de nada. O comício foi uma demonstração de força, uma demonstração do engajamento do povo nas reformas de base pregadas por Jango. Isso foi o comício: as forças populares unidas em torno de Jango, resultando em 200 mil pessoas presentes.

Então, é isso, que fique claro. O comício foi um êxito, um sucesso absoluto. Além disso, foi corajoso. Um comício extremamente corajoso, realizado ao lado do Ministério da Guerra. Dona Maria Thereza, esposa de Jango, mencionou que havia no ar um certo temor em relação à realização do comício.

É evidente que realizar um comício na cara dos golpistas, na face deles, gerava temor. Mas Jango falou. Jango fez um discurso maravilhoso, um discurso histórico. Ouçam o discurso. Ele está disponível.

Ele começa com uma defesa enfática da democracia. Inclusive, ele diz o seguinte, porque diziam que ele daria um golpe comunista e que era subversivo: "Subversivo é quem vai contra a vontade do povo. Subversivo é quem se volta contra o povo reunido na praça."

Ele também defende as reformas de base, incluindo a reforma agrária, pela qual até hoje o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) luta neste país. Até hoje! Ele defendeu a reforma agrária e, além disso, anunciou a desapropriação de terras em beiras de estradas e ferrovias.

Para finalizar, gostaria de dizer que este evento nos enche de orgulho, porque é a cara da ABI, a cara desta entidade. Agradeço imensamente o apoio que a família Goulart nos deu desde o início. Convido, então, ao palco - e acredito que ela deve ser recebida com aplausos de pé - Dona Maria Thereza Goulart, que estava ao lado do marido naquele comício histórico. Gostaria de registrar também a presença de Denize Goulart, filha de Maria Thereza e João Goulart, e das netas Barbara Goulart e Isabela Goulart. Eu agora deixo o palco com a família, porque o evento é da família.

Muito obrigado.



PRESIDENTE DA ABI  
13 de março de 2024

# Agradecimento de presenças

A ABI registra e agradece as seguintes presenças:

- Adriana de Souza, do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB).
- Alice Daflon, da Associação Brasileira de Médicas e Médicos pela Democracia (ABMMD).
- Ana de Hollanda, ex-ministra da Cultura do governo Dilma Rousseff.
- Analéa Alves Rego, conselheira do Conselho Deliberativo da ABI.
- Armando de Souza, do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB).
- Beatriz Santacruz, conselheira do Conselho Deliberativo da ABI.
- Beth Costa, jornalista.
- Caíque Tibiriçá, representando a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ).
- Claudia Lamarca, filha do capitão Carlos Lamarca, líder guerrilheiro da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).
- Eduardo Campos, da União da Juventude Socialista (UJS).
- Eliete Ferrer, do grupo Geração 68.
- Eliomar Coelho, ex-vereador e ex-deputado estadual (PSB-RJ).
- Elisa Larkin, presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro).
- Ernesto Piccolo, ator e diretor.
- Fernanda Delgado Fonteles, advogada.
- Fichel Davit Chargel, conselheiro do Conselho Deliberativo da ABI.
- Glória Alvarez, coordenadora da Comissão de Mulheres e LGBTQIAPN+ da ABI.
- Hiran Roedel, do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro (PCB).
- Irene Cristina Gurgel do Amaral, jornalista e ex-presidente do Conselho Deliberativo da ABI.
- Jitman Vbranovski, ator e diretor do grupo Militantes em Cena.
- Laurindo Lalo Leal Filho, 1º secretário do Conselho Deliberativo da ABI.
- João Batista Lemos, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).
- José Noronha, do Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (Cebes).
- Julieta Maria Boara, boia-fria do interior de São Paulo, ligada à Teologia da Libertação.
- Livia Baião, diretora do Rio Memórias.
- Luiz Alfredo Salomão, ex-deputado federal (PT-RJ).
- Luiz Carlos de Souza Moreira, representante da Associação Democrática e Nacionalista dos Militares (Adnam).
- Luiz Paulo Lima, coordenador da Comissão de Igualdade Étnico-Racial da ABI.
- Mabel Almeida, representante da União Nacional dos Estudantes (UNE) no estado do Rio de Janeiro.
- Marcelo Auler, conselheiro do Conselho Deliberativo da ABI.
- Marcelo Nogueira, da Executiva Nacional da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD).
- Márcio Cesário, da Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Correios e Telégrafos e Similares (Fentect) e diretor da Central Única dos Trabalhadores (CUT-RJ).
- Maria da Glória Souza (Glorinha), irmã do jornalista Henfil, do jornal *O Pasquim*.
- Marília Guimarães, presidente da Rede de Defesa da Humanidade - Brasil.
- Marta Alencar, jornalista.
- Martha Rocha, deputada estadual (PDT-RJ).
- Matilde Guilhermina de Alcântara, do Comitê de Mobilização Popular - Centro e Zona Sul do Rio de Janeiro.
- Moacyr de Oliveira Filho (Moa), diretor de Jornalismo da ABI.
- Patrícia Laier, vice-diretora de Comunicação da Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET).
- Paula Montenegro, do jornal *A Nova Democracia*.
- Pedro Luís Moreira Lima.
- Rogério Marques, conselheiro do Conselho Deliberativo da ABI.
- Sandra Lúcia Pinheiro Santana, da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD).
- Sandra Martins, da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira), órgão do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro.
- Siro Darlan, desembargador aposentado.
- Solange e Tânia de Mello Bastos, filhas do sindicalista Paulo de Mello Bastos.
- Sonia Regina, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro.
- Tanina de Souza, da Comissão de Trânsito da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ).
- Tarcísio Tadeu Garcia Pereira, presidente da Associação Heinrich Plagge (entidade de trabalhadores perseguidos na ditadura).
- Terezinha Santos, 2ª Secretária do Conselho Deliberativo da ABI.
- Victória Grabois, diretora do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ.
- Vitor Iório, coordenador da Comissão de Educação da ABI.
- Vivaldo Barbosa, ex-deputado federal constituinte (PDT-RJ) e presidente nacional do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).
- Xico Teixeira, coordenador do Núcleo de Comunicação Popular e Comunitária (NCPC) da ABI.
- Zoia Prestes e Luiz Carlos, filhos de Luiz Carlos Prestes, ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e uma das personalidades políticas mais influentes do país no século XX.



# O discurso de Jango

## 1ª Parte



Comício da Central. Foto: Reprodução do site Memórias da Ditadura.

*Brasileiros! Caloroso povo do estado de Guanabara. Devo agradecer, em primeiro lugar, às organizações sindicais, promotoras desta grande manifestação. Agradecer ao povo brasileiro por esta demonstração extraordinária a que assistimos emocionados, aqui nesta cidade do Rio de Janeiro. Quero agradecer, também, aos sindicatos quem de todos os estados mobilizaram os seus associados, dirigindo minha saudação a todos os patrícios, neste instante mobilizados em todos os recantos do país, e ouvindo o povo através do rádio ou da televisão.*

*Dirijo-me a todos os brasileiros, não apenas aos que conseguiram adquirir instrução nas escolas. Dirijo-me também aos milhões de irmãos nossos que dão ao Brasil mais do que recebem e que pagam em sofrimento, em miséria e em privações, o direito de ser brasileiro e o de trabalhar de sol a sol pela grandeza deste país.*

*Presidente de oitenta milhões de brasileiros, quero que minhas palavras sejam bem entendidas por todos os nossos patrícios. Vou falar em linguagem franca, que pode ser rude, mas é sincera e sem subterfúgios.*

*É também uma linguagem de esperança, de quem quer inspirar confiança no futuro, mas de quem tem a coragem de enfrentar sem fraquezas a dura realidade que vivemos.*

*Aqui estão os meus amigos trabalhadores, vencendo uma campanha de terror ideológico e de sabotagem, cuidadosamente organizada para impedir ou perturbar a realização deste memorável encontro entre o povo e o seu presidente, na presença das lideranças populares mais expressivas deste país, que se encontram também conosco, nesta festa cívica.*

*Chegou-se a proclamar, trabalhadores brasileiros, que esta concentração seria um ato atentatório ao regime democrático como se no Brasil a reação ainda fosse dona da democracia, ou proprietária das praças e das ruas.*

*Desgraçada democracia se tiver que ser defendida por esses democratas.*

*Democracia para eles, trabalhadores, não é o regime da liberdade da reunião para o povo. O que eles querem é uma democracia de um povo*

“

***Desgraçada democracia se tiver que ser defendida por esses democratas.***

*emudecido, de um povo abafado nos seus anseios, de um povo abafado nas suas reivindicações. A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia do antipovo, da antirreforma e do antissindicato. Ou seja, aquela que melhor atenda aos seus interesses ou aos dos grupos que eles representam. A democracia que eles pretendem é a democracia dos privilégios, é a democracia da intolerância, é a democracia do ódio. A democracia que eles querem, trabalhadores, é para liquidar com a Petrobrás, é a democracia dos monopólios, nacionais e internacionais, a democracia que pudesse lutar contra o povo, a democracia que levou o grande presidente Getúlio Vargas ao extremo sacrifício.*

*Ainda ontem eu afirmava no Arsenal de Marinha, envolvido pelo calor dos trabalhadores de lá, que a democracia jamais poderia ser ameaçada pelo povo, quando o povo livremente vem para as praças - a praça que é do povo, a rua que é do povo. (Cont.)*



A photograph showing four women standing on a stage. The woman on the far left is speaking into a microphone and gesturing with her hands. She is wearing a striped shirt and jeans. The other three women are standing next to her, looking towards her. They are dressed in various styles of blouses and trousers. The background is a plain wall with some lighting fixtures.

# Meu avô João Goulart

Por Barbara  
Goulart

Doutora em Sociologia,  
professora de Ciências Sociais  
da Fundação Getúlio Vargas e  
neta do ex-presidente

Barbara, Denize, Dona Maria Thereza e Isabela Goulart, no palco do auditório da ABI.

Boa tarde a todos!  
Gostaria, primeiramente, de  
agradecer a presença de todos aqui  
hoje, neste evento tão importante,  
celebrando a memória do meu avô,  
João Goulart, e também a vida da  
minha avó, Maria Thereza Goulart.

Queria agradecer também,  
gentilmente, à ABI pela oportunidade  
de criar este evento, no qual a família  
João Goulart foi convidada a  
participar de todo o processo, pelo  
presidente Octávio Costa e pela  
diretora de Cultura e Lazer, Iara Cruz.  
Estamos há muito tempo tentando  
organizar este encontro, para que  
vocês pudessem estar presentes e  
para que a gente possa falar um  
pouco sobre a história da minha  
família, a história do meu avô, João  
Goulart, celebrando a data do  
Comício da Central.

“  
***Uma coisa que  
eu aprendi foi a  
diferença entre  
história e  
memória. Em  
certos momentos  
elas se cruzam,  
em outros, estão  
diferentes.***

Fui designada pela família para falar  
aqui um pouquinho para vocês.  
Primeiro, eu queria falar sobre a  
importância do Comício da Central.  
Além de neta da Maria Thereza  
Goulart — para mim, a Tetê — e neta  
do Jango, sou também pesquisadora.  
Minha tese de Doutorado foi sobre o  
governo João Goulart.

Uma coisa que aprendi durante meus  
anos de trabalho sobre a importância  
do governo João Goulart, e também  
como pesquisadora, foi a diferença  
entre história e memória. Em certos  
momentos, elas se cruzam; em outros,  
estão diferentes.

Quando falamos do Comício da  
Central, podemos encaixá-lo tanto na  
história do governo João Goulart  
como também na memória do  
governo João Goulart.



“

***Se a reforma agrária tivesse sido implementada naquela época, talvez não teríamos tido o êxodo rural, a pobreza e a miséria que vemos hoje nos grandes centros e nas grandes cidades.***

Primeiro, pela importância histórica e acadêmica do evento do Comício da Central como um marco do governo, no qual as reformas de base foram realmente conclamadas, declaradas e defendidas pelo Jango e por todo o ministério, todos aqueles que compunham o governo João Goulart naquele momento. Como o Octávio bem disse, entre as reformas de base, uma das mais importantes era a reforma agrária, que naquela época estava sendo organizada no Ministério da Reforma Agrária, a Supra (Superintendência de Política Agrária), que tinha o João Pinheiro Neto como presidente, nomeado pelo Jango.

Foi no Comício da Central que o Jango assinou a reforma agrária, defendida e assinada por ele e pelo Pinheiro Neto, destacando a importância da reforma agrária naquele governo. Naquela época, a maioria da população brasileira ainda morava no campo, diferente de hoje, quando grande parte da população está na cidade.

Então, quando pensamos sobre reforma agrária, sabemos da sua importância nos dias de hoje. Como ela é tão importante hoje, precisamos lembrar que, naquela época, era ainda mais crucial. Se ela tivesse sido implementada naquela época, talvez não teríamos tido o êxodo rural, a pobreza e a miséria que vemos hoje nos grandes centros e nas grandes cidades.

Outro fator muito importante é o comprometimento de João Goulart com a reforma agrária, que ele mesmo assinou e defendia.

É bom lembrar que, no dia seguinte ao Comício da Central, em 14 de março, ele ligou para o Pinheiro Neto, e disse: “Por favor, quero que as minhas duas fazendas, que estão enquadradas dentro da reforma agrária, sejam também dadas ao povo, ao Estado brasileiro.”

Assim, Jango estava dando um ensinamento, uma lição, ao abrir mão de suas próprias terras para o povo. Portanto, a elite brasileira também tinha esse dever de seguir a mesma regra, a mesma lei, que era para todos, para que essa terra tão importante para a população brasileira fosse disponibilizada para aqueles que realmente fossem trabalhar nela, cultivá-las e que precisavam delas, como precisam até hoje.

Então, em nome da família João Goulart, gostaria de agradecer a todos novamente pela presença, e abrir o espaço. Alguém mais quer falar alguma coisa? A minha mãe Denize vai falar agora.

Muito obrigada.



**Denize  
Goulart**

Eu quero agradecer a presença de todas e todos. É muito importante para nós, principalmente para rememorar esse evento tão importante que foi o Comício das Reformas de Base. É bom lembrar que foi nesse comício que meu pai apresentou, como a Barbara falou, seu projeto de reforma agrária. Se tivesse sido implementado, o avanço social, econômico e político do país teria sido enorme. Infelizmente, não permitiram; veio o golpe, que nos levou a 21 anos de ditadura, de terror, perseguições, torturas e mortes. Então, eu acho que é bom, é preciso sempre lembrar e refletir sobre todos esses acontecimentos. Isso é também uma forma de homenagear não só a imagem e a memória do meu pai e daquele momento, mas todos os que sofreram, todos os perseguidos, todas as vítimas da ditadura que não tiveram reconhecimento.

Mais uma vez, quero agradecer ao Octávio Costa, presidente da ABI, pela realização desse evento; à Lara Cruz, diretora de Cultura e Lazer, que foi incansável; à minha filha Barbara, que trabalhou muito para isso; ao Vitor Lório, coordenador da Comissão de Educação; ao Marcos Gomes, presidente do Conselho Deliberativo; ao Xico Teixeira, da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos; e a todos que participaram para a realização deste evento. Muito obrigada a todos.



**Isabela  
Goulart**

“

***Um país sem memória é  
um país sem identidade.  
E um país sem identidade é  
como uma folha em branco.  
O primeiro a chegar escreve  
o que quer.***

Em primeiro lugar, muito obrigada a todas e todos pela presença. Muito obrigada à ABI e a todos os envolvidos na organização do evento. É uma honra muito grande estar aqui. E eu quero dizer, eu preciso dizer, que hoje meu coração está cheio de alegria e com um pouco mais de esperança ao ver tantas pessoas aqui engajadas, como nós, nessa luta pela preservação da memória.

Para mim, um país sem memória é um país sem identidade. E um país sem identidade é quase como uma folha em branco. O primeiro a chegar escreve o que quer. E o primeiro a chegar, independentemente das suas intenções, sejam elas boas ou ruins, preenche esse papel da maneira que for conveniente. E nós sabemos muito bem quais são as consequências disso. Então, se depender de nós, nosso país não ficará sem identidade, não ficará sem memória. Nunca. É isso. Viva Jango. Jango presente. Muito obrigada.

# Projeção de vídeo



João Vicente Goulart em mensagem de vídeo enviada de Brasília.

Olá!

Queria cumprimentar a todos que estão hoje reunidos na ABI, a direção da ABI e os demais participantes por este importante dia, que foi o Comício da Central do Brasil, em 13 de março de 1964. Vocês sabem como foi importante a proposta das reformas de base ali comunicadas pelo presidente João Goulart e como foi essencial para o Brasil termos iniciativas como aquelas. Lamentavelmente, 60 anos depois, esperamos ainda um Brasil mais justo, um Brasil mais democrático e um Brasil mais soberano, onde aqueles que não nasceram em uma família abastada possam ter idênticas oportunidades às daqueles que têm muito.

Infelizmente, o Brasil hoje tem na sua essência ainda uma dependência muito grande do sistema econômico do rentismo, que foi combatido naquele comício de 13 de março de 1964, na Central do Brasil. Falar da reforma agrária, da reforma urbana, da reforma tributária, da reforma administrativa, da remessa de lucros para o exterior e da encampação das refinarias pela nossa autonomia do petróleo, e colocar - como o governo do presidente João Goulart colocou - a Eletrobras em funcionamento são questões muito importantes e reais, das quais precisamos retomar esse caminho.

Quero expressar a todos a minha grande alegria, daqui de Brasília, para que este encontro seja a semente de um novo renascimento de uma luta nacionalista. A todos vocês, meu grande abraço e que as reformas populares, as reformas de base do presidente João Goulart, sejam no futuro um caminho para a independência nacional, a solidariedade humana do povo brasileiro e, principalmente, nossa justiça social.

Muito obrigado e um grande abraço a todos.

João Vicente Goulart



# O discurso de Jango

## 2ª Parte

João Goulart discursa no Comício da Central ao lado da primeira-dama, Maria Thereza. Foto: Agência O Globo.

*Democracia, trabalhadores brasileiros, é o que o meu governo vem procurando realizar, como é do meu dever. Não só para interpretar os anseios populares, mas também para conquistá-los pelo caminho do entendimento e da paz.*

*Não há ameaça mais séria à democracia, trabalhadores, do que a democracia que desconhece os direitos do povo. Não há ameaça mais séria à democracia do que tentar estrangular a voz do povo, dos seus legítimos líderes populares, fazendo calar as sua reivindicações.*

*Estaríamos, assim, brasileiros, ameaçando o regime se nos mostrássemos surdos aos reclamos da Nação, desta Nação e desses reclamos que, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, levantam o seu grande clamor pelas reformas de base e de estrutura, sobretudo pela reforma agrária, que será o complemento da abolição do cativo para dezenas de milhões de brasileiros, que vegetam no interior, em revoltantes condições de miséria.*

*Ameaça à democracia, enfim, não é vir confraternizar com o povo na rua. Ameaça à democracia é empulhar o povo brasileiro, é explorar os seus sentimentos cristãos, na mistificação de uma indústria do anticomunismo, insurgindo o povo até contra os grandes e iluminados ensinamentos dos grandes e santos papas que informam notáveis pronunciamentos, das mais expressivas figuras do episcopado nacional.*

*O inolvidável papa João XXIII é quem nos ensina, povo brasileiro, que a dignidade da pessoa humana exige normalmente, como fundamento natural para a vida, o direito e o uso dos bens da terra, ao qual corresponde a obrigação fundamental de conceder uma propriedade para todos. É dentro desta autêntica doutrina que o governo brasileiro vem procurando situar a sua política social, particularmente no que diz respeito à nossa realidade agrária.*

“

***Só conquistaremos a paz social pela justiça social.***

*O cristianismo nunca foi o escudo para os privilégios condenados pelos santos padres, nem também, trabalhadores, os rosários podem ser levantados contra a vontade do povo e as suas aspirações mais legítimas. Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana. Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a disseminação da propriedade da terra, hoje ainda em mãos de tão poucos, de tão pequena minoria.*

*Àqueles que reclamam do presidente da República uma palavra tranquilizadora para a Nação, àqueles que em todo o Brasil nos ouvem nesta oportunidade, o que eu posso dizer é que só conquistaremos a paz social através da justiça social.*

*Perdem o seu tempo aqueles que imaginam que o governo seria capaz de sufocar a voz do povo ou de abafar as suas reivindicações. Perdem o seu tempo os que temem que o governo passe a empreender uma ação subversiva na defesa de interesses políticos ou pessoais, como perdem também seu tempo, trabalhadores, os que esperam deste governo uma ação repressiva dirigida contra o povo, contra os seus direitos ou contra as suas reivindicações.*

*Ação repressiva, trabalhadores brasileiros, é a que o governo está praticando e vai ampliar cada vez mais e mais implacavelmente, aqui na Guanabara e em outros Estados, contra aqueles que especulam com as dificuldades do povo, contra aqueles que exploram o povo e que sonham gêneros alimentícios ou que jogam com seus preços. Ainda ontem, dentro de associações de cúpula de classes conservadoras, ibadianos de ontem levantavam a voz contra o presidente pelo crime que o presidente estaria praticando de defender o povo contra aqueles que o exploram na rua e em seus lares, através da exploração e da ganância.*

*Mas, trabalhadores, não me tiram o sono as manifestações de protestos dos gananciosos, mascaradas de frases patrióticas, mas que, na realidade, traduzem as suas esperanças e os seus propósitos de restabelecer a impunidade para suas atividades antipopulares e antissociais. Por outro lado, povo brasileiro, não receio de ser chamado de subversivo pelo fato de proclamar – e tenho proclamado e continuarei proclamando em todo os recantos da pátria – a necessidade da revisão da*

*Constituição da nossa República, que não atende mais aos anseios do povo e aos anseios de desenvolvimento desta Nação. A Constituição atual, trabalhadores, é uma Constituição antiquada, porque legaliza uma estrutura socioeconômica já superada, uma estrutura injusta e desumana. O povo quer que se amplie a democracia, quer que se ponha fim aos privilégios de uma minoria; quer que a propriedade da terra seja acessível a todos; que a todos seja facilitado participar da vida política do país, através do voto, podendo votar e podendo ser votado; que se impeça a intervenção do poder econômico nos pleitos eleitorais e que seja assegurada a representação de todas as correntes políticas, sem quaisquer discriminações ideológicas ou religiosas.*

*Todos, todos os brasileiros, todos têm o direito à liberdade de opinião e de manifestar também sem temor o seu pensamento. É um princípio fundamental dos direitos do homem, contido na própria Carta das Nações Unidas, e que temos o dever de assegurar a todos os brasileiros.*

*Está nisso, trabalhadores, o sentido profundo desta grande e incalculável multidão, que presta, neste instante, a sua manifestação ao presidente, que vem também prestar-lhes conta de seus problemas, mas também das suas atitudes e das suas posições na luta que vem enfrentando, luta contra forças poderosas, mas confiando sempre na unidade do povo e das classes trabalhadoras, unidade que há de encurtar o caminho da nossa emancipação.*

“  
**O nosso lema é progresso com justiça, e desenvolvimento com igualdade.**

*É apenas de se lamentar que parcelas ainda ponderáveis que tiveram acesso à instrução superior continuem insensíveis, de olhos e ouvidos fechados, à realidade nacional. São, certamente, trabalhadores, os piores surdos e os piores cegos, porque poderão com tanta surdez e com tanta cegueira ser, amanhã, responsáveis, perante a História, pelo sangue brasileiro que possa ser derramado, ao pretenderem levantar obstáculos à caminhada do Brasil e à emancipação do povo brasileiro.*

*De minha parte, à frente do Poder Executivo, tudo continuarei fazendo para que o processo democrático siga o caminho pacífico, para que sejam derrubadas as barreiras que impedem a conquista de novas etapas e progresso. E podeis estar certos, trabalhadores, de que juntos, governo e povo, operários, camponeses, militares, estudantes, intelectuais e patrões brasileiros que colocam os interesses da Pátria acima de seus interesses, haveremos de prosseguir, e prosseguir de cabeça erguida, a caminhada da emancipação econômica e emancipação social deste país.*

*O nosso lema, trabalhadores do Brasil, é progresso com justiça, e desenvolvimento com igualdade. A maioria dos brasileiros já não se conforma com a ordem social imperfeita, injusta e desumana.*

Os milhões que nada têm se impacientam com a demora, já agora quase insuportável, em receber os dividendos de um progresso tão duramente construído, mas construído também com o esforço dos trabalhadores e com o patriotismo dos humildes. Vamos continuar lutando pela construção de novas usinas, pela abertura de novas estradas, pela implantação de mais fábricas, de novas escolas, de hospitais para o povo sofredor; mas sabemos, trabalhadores, que nada disso terá sentido profundo se ao homem não for assegurado o sagrado direito ao trabalho e a uma justa participação no desenvolvimento nacional.

Não, trabalhadores; não, brasileiros. Sabemos muito bem que de nada vale ordenar a miséria neste país. Nada adianta dar-lhe aquela aparência bem comportada com que alguns pretendem iludir e enganar o povo brasileiro.

Meus patrícios, a hora é a hora das reformas. Reformas de estrutura, reformas de métodos, reformas de estilo de trabalho e reformas de objetivos para o povo brasileiro. Já sabemos que não é mais possível progredir sem reformar, que não é mais possível acomodar, que não é mais possível admitir que essa estrutura ultrapassada possa realizar o milagre da salvação nacional, para milhões e milhões de brasileiros, da portentosa civilização industrial, porque dela só conhecem apenas a vida cara, as desilusões, o sofrimento e as ilusões passadas. O caminho das reformas é o caminho do progresso e da paz social. Reformar, trabalhadores, é solucionar

pacificamente as contradições de uma ordem econômica e jurídica superada, inteiramente superada pela realidade dos tempos em que vivemos.

Trabalhadores, acabei de assinar o decreto da Supra. Assinei, meus patrícios, com o pensamento voltado para a tragédia do irmão brasileiro que sofre no interior da nossa pátria. Porém, é necessário que se diga que o decreto da Supra não é ainda aquela reforma agrária pela qual nós lutamos. Representa, como ainda há pouco afirmava o governador de Pernambuco, apenas um passo, um passo à frente, no caminho das grandes reformas de estrutura.

Esse decreto ainda não representa a carta de alforria do camponês abandonado. Mas é o primeiro passo. Representa uma porta que se abre para a solução definitiva do problema agrário brasileiro.

O que se pretende com o decreto que considera de interesse social, para efeito de desapropriação, as terras que ladeiam eixos rodoviários, leitos de rodovias, açudes públicos federais, e terras beneficiadas com saneamento da União, é tornar produtivas áreas inexploradas ou subutilizadas, ainda submetidas a um comércio especulativo, odioso e intolerável.

Não é justo que o benefício de uma estrada, construída com o dinheiro do povo, venha beneficiar apenas as pequenas minorias latifundiárias deste país.

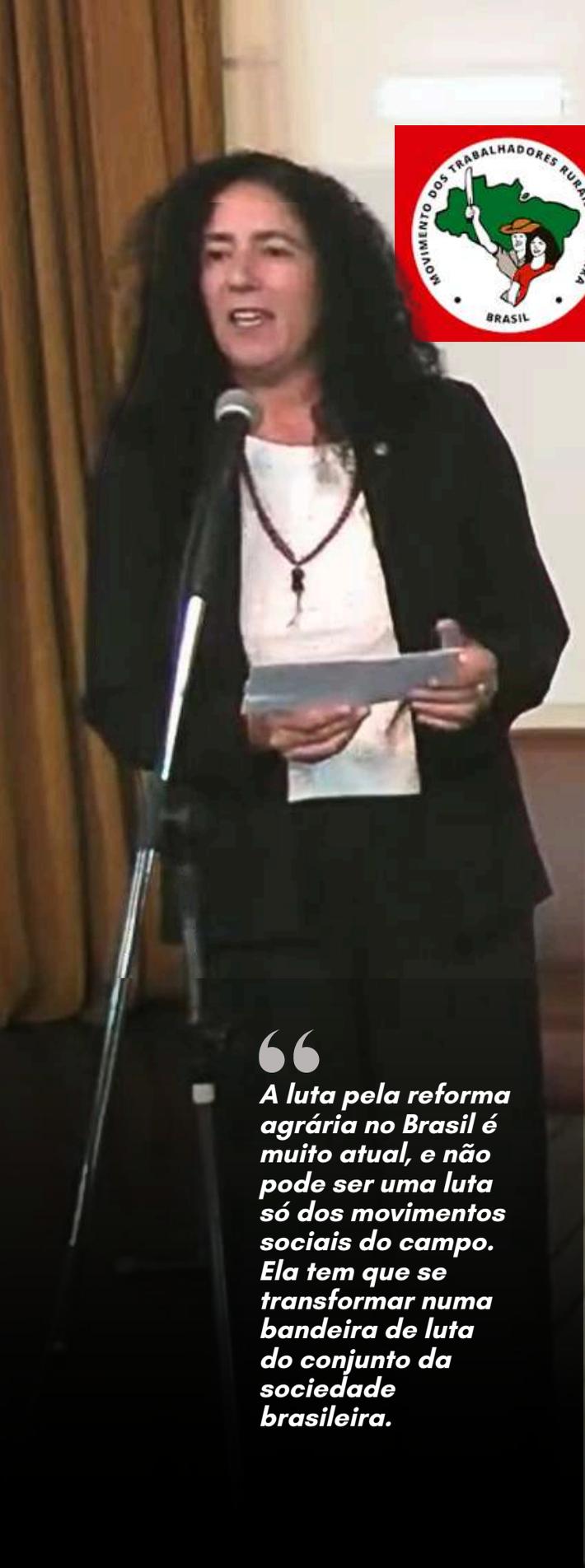
“

**Trabalhadores, acabei de assinar o decreto da Supra com o pensamento voltado para a tragédia do irmão brasileiro que sofre no interior de nossa Pátria.**

Não se compreende que uma estrada como a Rio-Bahia, que os 800 km asfaltados da Rio-Bahia, que custaram 70 milhões de cruzeiros ao povo brasileiro, venham a beneficiar os latifundiários, que tem o seu valor multiplicado nas suas propriedades. Se aquela estrada foi feita com o dinheiro do povo brasileiro, o povo tem que participar daquela estrada e das terras situadas ao lado do seu eixo.

Mas, trabalhadores, reforma agrária com pagamento prévio e em dinheiro, não é reforma agrária. Reforma agrária, como consagra a nossa Constituição, precisando pagar à vista e pelo justo valor, não é reforma, é negócio agrário, que interessa apenas aos latifundiários. Sem reforma constitucional não poderá haver uma reforma agrária autêntica, que atenda aos anseios desta nação e aos reclamos do povo brasileiro.

Sem emendar a Constituição, que tem acima dela o povo, que tem acima dela esta multidão que aqui está nesta praça pública, podem votar leis agrárias honestas e bem-intencionadas, mas nenhuma delas será capaz de poder modificar as estruturas profundas que devem ser modificadas em benefício deste país. (Cont.)



## Deputada Marina do MST

Dirigente nacional do MST e deputada estadual PT-RJ

Boa tarde, companheirada!

Boa tarde, gente!

Quero saudar todos os companheiros e companheiras que estão aqui neste importantíssimo evento, que é também de memória de uma parte tão significativa da história brasileira e tão atual.

Quero saudar todos vocês e queria de forma muito carinhosa na pessoa do presidente da ABI, Octávio Costa, saudar todas as organizações, sindicatos, movimentos sociais, as entidades que estão na organização deste evento. Então, saudar de forma muito carinhosa todos, todas e todes. E queria também de forma muito amorosa saudar os familiares do presidente João Goulart, que estão aqui, e pedir para que fiquem em pé todos os familiares e as pessoas que estiveram naquele ato há 60 anos atrás lá na Central do Brasil, que é para a gente ver vocês mesmo. Que lindas! Obrigada. Lindo!

É emocionante para nós estarmos num evento de memória com as pessoas que são os sujeitos, que são parte dessa história. Quero destacar três elementos. Primeiro, dizer na lembrança aqui das falas anteriores e do vídeo também, que o Comício da Central foi uma demonstração de unidade junto ao povo. Foi uma demonstração de unidade das forças progressistas daquele momento e também das forças populares para uma pauta que era do conjunto da sociedade brasileira.

“

***A luta pela reforma agrária no Brasil é muito atual, e não pode ser uma luta só dos movimentos sociais do campo. Ela tem que se transformar numa bandeira de luta do conjunto da sociedade brasileira.***

O segundo elemento é dizer, companheiros e companheiras, nunca tivemos na sociedade brasileira tão próximos desse momento de 60 anos atrás. Da necessidade de fazermos ações de rua, ações de massa, com unidade da classe trabalhadora, com unidade das forças progressistas e populares. Todas essas bandeiras que foram anunciadas, essas bandeiras de base, essas bandeiras de reformas tão importantes há 60 anos atrás, continuam em total vigor.

Então, rememorar essas bandeiras e os anúncios das grandes e profundas reformas, que continuam ainda em vigor nas lutas dos movimentos sociais, especialmente, como já dita aqui, a luta pela reforma agrária.

O MST faz 40 anos neste ano. Então, desses 60 anos de história, nós temos 40 anos que o MST vem fazendo a luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil. E nunca antes na história deste país tivemos um alto índice da concentração da terra. E agora não é só da terra que os grandes capitais, as grandes empresas, nacionais e transnacionais, estão disputando com o povo e com a natureza. É o conjunto dos bens naturais que eles querem apenas transformar em lucros.

Então, o nome é muito certo que se diz é "**o agro, o hidro e o minério dos negócios**", que quer todos os dias se apropriar da terra, da água, das sementes, da biodiversidade como um todo para apenas transformar em lucro.

Então, a luta pela reforma agrária no Brasil é muito atual, e não pode ser uma luta só dos movimentos sociais do campo, que lutam por ela. Ela tem que se transformar numa bandeira de luta do conjunto da sociedade brasileira, porque a luta pela reforma agrária popular hoje tem no seu centro a distribuição, a democratização da terra e dos bens da natureza. Está no seu centro a produção de comida, a produção de alimentos saudáveis para o conjunto dos povos do campo e da cidade, para todos aqueles que estão passando fome, principalmente nas grandes periferias. E também no centro da reforma agrária popular está a defesa da natureza.

Então, por isso, penso que necessária seja uma bandeira do conjunto da sociedade. Por último, companheirada, gostaria de dizer que nós possamos seguir esse exemplo do que foi o Comício da Central do Brasil há 60 anos, que nós possamos levar para os dias de hoje. Que nós possamos seguir nas lutas por memória, por verdade, por justiça, por reparação. A reforma agrária hoje é uma reparação para a sociedade, a exemplo do que o presidente Lula fez com a Usina Cambahyba, em Campos, transformando em assentamento da reforma agrária, a usina da morte, onde foram incinerados 12 companheiros que lutaram no período da ditadura militar. Então, que a luta pela democracia esteja também no centro das nossas lutas. Sem anistia para os golpistas de ontem e de hoje!  
Viva a democracia!



# Carcará

## Gabriel Vale

Apresentação da música  
*Carcará*, do compositor João  
do Vale, o "Poeta do Povo",  
avô do cantor Gabriel Vale.  
No violão, Toninho Vilas.

*Carcará*  
*Lá no Sertão*  
*É um bicho que avoa que nem avião*  
*É um pássaro malvado*  
*Tem o bico volteado que nem gavião*  
*Carcará quando vê roça queimada*  
*Sai voando e cantando*  
*Carcará*  
*Vai fazer sua caçada*  
*Carcará*  
*Come inté cobra queimada*  
*Mas quando chega o tempo da invernada*  
*No sertão não tem mais roça queimada*  
*Carcará mesmo assim não passa fome*  
*Os burrego que nasce na baixada*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Não vai morrer de fome*  
*Carcará*  
*Mais coragem do que homem*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*

*Carcará é malvado, é valentão*  
*É a águia de lá do meu sertão*  
*Os burrego novinho num pode andar*  
*Ele puxa no imbigo inté matar*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Não vai morrer de fome*  
*Carcará*  
*Mais coragem do que homem*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Não vai morrer de fome*  
*Carcará*  
*Mais coragem do que homem*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Carcará*  
*Pega, mata e come*



## Nilmário Miranda

Assessor especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) e ex-deputado federal (PT-MG)

No Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), sou assessor especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade. O ministro Silvio Almeida associou democracia com memória e verdade. Ou seja, a democracia só existe e se consolida se houver o que está sendo feito aqui na ABL hoje: trazer a memória do país e a verdade histórica, sem medo.

Gostaria de lembrar à família Goulart que, em 16 de março de 1964, o presidente João Goulart sancionou a Lei 4.319, criando, pela primeira vez no Brasil, o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH). Não existia algo assim no Estado brasileiro; foi ele quem trouxe essa iniciativa. Por que ele fez isso no dia 16 de março, três dias após o Comício da Central?

Porque direitos humanos não são apenas aquelas coisas simplistas que vinham na revista *Seleções*. Direitos humanos envolvem o direito à terra, acesso à moradia adequada, trabalho decente, educação para todos – que era uma bandeira dele –, saúde e cultura para todos. Isso é o que realmente significa direitos humanos. Não é estranho, então, que três dias após o comício ele tenha assinado essa lei.

Pena que, 15 dias depois, veio o golpe militar, um golpe basicamente contra os direitos humanos, contra as reformas de base e contra a democracia. Infelizmente, durou 21 anos. Mas estamos aqui hoje, assumindo este compromisso: sem passar a limpo o passado, não há presente nem futuro.

“

***Sem democracia, não há direitos humanos;  
e sem direitos humanos, não há democracia.  
E sem reforma agrária, não há democracia  
nem direitos humanos.***

Não há futuro sem trazer a verdade do passado. Por isso este ato é tão importante, e outros virão. Daqui do Rio de Janeiro vai sair no dia 1º de abril uma marcha até Juiz de Fora. Foi de lá que o golpe veio. Na exposição aqui na ABL estão os nomes do general Mourão Filho, do Magalhães Pinto, então governador de Minas Gerais. Os golpistas que estimularam aquela marcha que veio para aqui para derrubar um governo legítimo, anular uma Constituição legítima, que tinha um projeto de reformas de base, que incorporava todos os direitos humanos, todos os direitos que todos os humanos têm direitos. Todos! Não estão falando só para uma parte dos humanos. Estão falando para os trabalhadores rurais sem terra e todos os outros. A Marina está aqui, uma presença importantíssima, a Maria do MST, simbolizando o que foi aquele comício.

Daqui a três dias, nós vamos nos reunir em Brasília para comemorar os 60 anos do CDDPH, que nós recuperamos. Foi só com a democracia que ele voltou. Sem democracia, não há direitos humanos; e sem direitos humanos, não há democracia. E sem reforma agrária, não há democracia nem direitos humanos. Também não há democracia sem independência nacional, sem moradia decente, sem educação e cultura para todos.

Então, estou aqui não como ex-deputado, mas como assessor especial do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, representando o ministro Silvío Almeida. Falo por mim, mas também por ele. Gostaria de destacar que a ABL está desempenhando um papel notável, praticamente iniciando publicamente um processo que enriquecerá o Brasil.

Parabéns também ao Gabriel Vale por ter lembrado uma figura tão icônica como João do Vale.

A família de João Goulart está aqui. Conheci Maria Thereza, Denize e João Vicente na Base Aérea de Brasília, quando a presidenta Dilma Rousseff — a única mulher a presidir o país, que foi retirada do cargo por um *impeachment* sem causa, um golpe — foi receber os restos mortais de João Goulart, em 14 de novembro de 2013. Foi um dia emocionante. Era o Estado brasileiro que os estava recebendo. Infelizmente, isso também contribuiu para o golpe contra ela.

Mas estamos aqui para recuperar tudo isso, começando pela memória e pela verdade, pois é por aí que tudo começa.

Parabéns à ABL!

Viva o povo brasileiro!

Viva a democracia!



# O discurso de Jango

## 3ª Parte

*Camponeses brasileiros! Graças à colaboração patriótica e técnica das nossas gloriosas Forças Armadas, em convênio realizado com a Supra, graças a essa colaboração, eu espero que dentro de menos de 60 dias já comecem a ser divididos os latifúndios às beiras das estradas, os latifúndios ao lado das ferrovias e dos açudes construídos com o dinheiro do povo, ao lado das obras de saneamento realizadas com o sacrifício da Nação.*

*E, feito isso, trabalhadores do campo já poderão, então, ver concretizada, embora em parte, a sua mais sentida e justa reivindicação, aquela que lhes dará um pedaço de terra própria para ele trabalhar, um pedaço de terra para ele cultivar. Aí, então, o trabalhador e a sua família sofrida irão trabalhar para si próprios, porque até aqui eles trabalham para os donos da terra, que eles alugam, aos quais eles entregam metade de sua produção. E não se diga que há meio de se fazer à reforma sem mexer a fundo na nossa Constituição. Em todos os países civilizados do mundo já foi suprimida do texto constitucional aquela parte que obriga para desapropriações de interesse social, a pagamento prévio, em dinheiro.*

*No Japão, há mais de vinte anos, já se fez a reforma agrária, pagando em títulos, em bônus daquele país, ao prazo de 20 anos e aos juros de 3%. E naquele tempo quem promoveu e iniciou a reforma agrária no Japão foi um general americano, que não podia ser chamado de comunista nem de agitador e nem de inconveniente aos interesses nacionais. Foi o general MacArthur que realizou já há 20 anos a reforma naquele país.*

“  
**No Brasil, a reforma agrária constitui a legenda mais viva nas esperanças do povo brasileiro, especialmente dos trabalhadores rurais da nossa pátria.**

*Na Itália, já também há mais de 15 anos, realizou-se uma reforma popular. Áreas da Itália como a Calábria passaram a multiplicar a sua produção e os colonos italianos passaram a ter o seu pedaço de terra própria para produzir. No México, já há mais também de 12 anos que está se completando a reforma agrária,*

*onde se entregou mais de 30 milhões de hectares de terra aos trabalhadores mexicanos, também com pagamento em 25 anos e juro nunca superior a 5% ao ano.*

*Na própria Índia, também, já se fez a reforma agrária de mais da metade da área cultivável daquele país. Portanto, não existe argumento capaz de poder afirmar que no Brasil, uma nação jovem que se projeta para o futuro graças ao seu povo, não se possa também fazer a reforma da Constituição para a reforma agrária autêntica e verdadeira.*

*A reforma agrária não é capricho de um governo, de uma pessoa ou de um programa de um partido. A reforma agrária é produto da inadiável necessidade de todos os povos do mundo. E aqui no Brasil, ela constitui a legenda mais viva nas esperanças do povo brasileiro, e especialmente dos trabalhadores rurais da nossa pátria. A reforma agrária também é uma imposição do próprio imperativo do progresso nacional. É também a maneira de melhorarmos e de ampliarmos o nosso mercado interno, que necessita aumentar a sua produção para poder sobreviver.*



João Goulart no palanque do Comício da Central.  
Foto: Acervo UH | Folhapress.



O deputado federal Leonel Brizola e o governador de Pernambuco Miguel Arraes. Foto: Acervo UH | Folhapress.

*Os tecidos, os sapatos, sobram nas prateleiras das lojas e das nossas fábricas, que estão produzindo ainda muito abaixo da sua capacidade. Mas enquanto sobram os tecidos nas prateleiras, o povo brasileiro vive no interior da nossa pátria. As crianças vivem sem calçados, porque não têm poder aquisitivo, porque não têm dinheiro para comprar esse produto.*

*Assim, a reforma agrária é indispensável, não só para aumentar o nível de vida do homem do campo, mas, também, para dar mais trabalho à nossa indústria e melhor remuneração ao trabalhador urbano.*

*Interessa, por isso, a todos os industriais e a todas aquelas forças produtoras que se interessam realmente pelo desenvolvimento do nosso país. A reforma agrária é necessária, indispensável, enfim, à nossa vida social e econômica, para que o país possa progredir, em sua indústria e no bem-estar do seu povo.*

*Como garantir, trabalhadores, o direito de propriedade autêntica quando, dos quinze milhões de brasileiros que trabalham na terra, apenas dois milhões e meio são proprietários dessa terra?*

*O que estamos pretendendo fazer no Brasil, pelo caminho da reforma, especialmente da reforma agrária, não é diferente, portanto, do que já se fez em todos os países subdesenvolvidos do mundo. É uma etapa de progresso que precisamos conquistar e que haveremos de conquistar, trabalhadores brasileiros!*

*E esta manifestação deslumbrante que presenciamos diante dos nossos olhos é o testemunho mais vivo de que a reforma agrária será conquistada para o povo brasileiro. O próprio custo da produção, trabalhadores, o próprio custo dos gêneros alimentícios está diretamente subordinado às relações entre o homem e a terra.*

*Num país em que se paga aluguéis da terra que vão a mais de 50% da produção obtida naquela terra, não pode haver gêneros baratos, não pode haver tranquilidade social. No meu estado, por exemplo, o estado do deputado Leonel Brizola, 75% da produção de arroz é realizada em terras alugadas e o arrendamento já vai a mais de 55% do valor da produção. O que ocorre no Rio Grande é que um arrendatário de terra para o plantio de arroz paga, em cada ano, o valor total daquela terra que ele produz para o proprietário.*

**“  
A reforma agrária só prejudica a uma pequena minoria de insensíveis, que deseja manter o povo escravo e a Nação submetida a um miserável processo de vida.**

*Esse inquilinato rural, desumano e medieval é o grande responsável pela produção insuficiente e cara que torna também cada vez mais insuportável a vida para as classes populares no nosso país.*

*A reforma agrária, e o povo sabe, só prejudica a uma pequena minoria de insensíveis, que deseja manter o povo escravo e a Nação submetida a um miserável processo de vida.*

*E é claro, trabalhadores, que só pode ser iniciada uma reforma agrária em terras economicamente aproveitáveis. É claro que não poderíamos começar uma reforma agrária, para atender aos anseios do povo, lá no estado do Amazonas ou do Pará. A reforma agrária deve ser iniciada nas terras mais valorizadas e ao lado dos grandes centros de consumo, com transporte fácil para o seu escoamento. (Cont.)*



João Goulart. Foto: Getty Images/VEJA.

## **Jango: "ministro dos trabalhadores"**

A ascensão política de Jango se dá, principalmente, pela sua excelente relação com os trabalhadores e sindicatos. Como disse a historiadora Ângela de Castro Gomes, mais do que ministro do Trabalho, Jango foi ministro dos trabalhadores.

E foram os representantes dos sindicatos e dos estudantes que organizaram o grande comício do dia 13 de março. O sindicalista Clodesmidt Riani, presidente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), foi um dos principais organizadores do comício.

Seu filho, Clodesmidt Riani Filho, está aqui hoje representando seu pai.

*(Texto lido por Marcos Gomes)*



# Clodesmidt Riani Filho

Filho do líder sindical e político mineiro Clodesmidt Riani



Clodesmidt Riani, sindicalista e ex-deputado estadual em Minas Gerais, faleceu em 4 de abril de 2024, menos de um mês após o evento na ABI, aos 103 anos. Foi cassado pela ditadura e ficou preso por quase seis anos.

Boa tarde a todos!

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à ABI pela oportunidade de estar aqui neste momento. Estou muito emocionado.

Primeiro, porque sou xará do meu pai. Meu pai, Clodesmidt Riani, foi presidente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) em 1964, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) e um dos organizadores, junto a outros dirigentes do CGT e de Jango, do comício no dia 13 de março de 1964.

Uma história muito interessante que meu pai me conta é de uma conversa entre ele, Jango e outros dirigentes sindicais. Papai disse: "Jango, você tem medo do Carlos Lacerda?". Jango olhou para ele, sério, e disse: "Como assim, Riani?". Eles tinham muita liberdade um com o outro. Papai acabou sendo um grandíssimo amigo de Jango, e essa amizade perdura até hoje com os familiares, com Maria Thereza, Denize e as meninas.

E aí, papai comentou que o Lacerda falava muitas coisas. Ele tinha esse viés, que não é de hoje, de *fake news*. Hoje a gente chama de *fake news*. Ele contava muitas mentiras, e mentiras terríveis, sobre Jango e a família do Jango. Então, papai falou: "Nós nunca fizemos um comício aqui no Rio. Temos que fazer um comício". A resposta do Jango, prontamente: "Riani, marque a data, que nós vamos fazer". E aí, ficamos conversando sobre datas, inclusive com outros dirigentes.

Papai disse: "Olha, eu não tenho as bases sindicais do operariado aqui no Rio de Janeiro, porque minha base é Minas Gerais. Mas quantas pessoas podemos reunir e qual o melhor dia da semana para fazermos esse comício?" E aí, chegaram à belíssima conclusão, conforme afirmou, se não me engano, o Eros Correia: "Se for no final de semana, consigo trazer aqui mais ou menos de 80 a 100 mil pessoas". Isso em 1964! "Mas se for dia de semana, numa sexta-feira, acho que consigo trazer um pouco mais".



Jango na posse de Clodesmidt Riani na presidência da CNTI, em 1962.  
Foto: Instituto João Goulart.

Então, definiu-se pela sexta-feira. Jango falou: “Marque o mais rápido possível, então, esse comício para uma sexta-feira”. E o mais rápido possível era o dia 13, sexta-feira 13. Eu não sei aqui ou em outros lugares, mas em Minas Gerais o 13 é um negócio meio complicado. Sexta-feira 13! Hoje, pelo contrário, o 13 é muito bem-vindo! E aí, meu pai falou: “Jango, mas sexta-feira é sexta-feira 13”! Jango respondeu: “Riani, Riani, você tem algum medo disso?”. Papai ficou meio sem graça ou brincando, porque eles brincavam muito também. Então, foi marcado para o dia 13 de março de 1964.

Isso é conversa de bastidor, que a história não conta, não está registrada em lugar nenhum. Então, este dia nós temos que lembrar, comemorar, sempre!

No dia 13 de março de 1964, estima-se que houve entre 150 a 200 mil pessoas, militantes. Pela exposição que está aqui no saguão, dá para ver como foi esse comício. Ou seja, há 60 anos, reunir 200 mil ou 150 mil pessoas foi um fato real. Foi uma demonstração de unidade, como a deputada Marina mencionou aqui, das forças progressistas da época e da liderança de Jango.

“

***A história ainda  
fará justiça a Jango.  
O Brasil deve isso a  
João Goulart.***

A história ainda fará justiça a este homem, Jango, que para mim foi um dos maiores presidentes do Brasil. Ele foi presidente do Brasil por apenas um ano e dois meses, como presidente de fato. Nesse período, suas realizações e o legado que deixou para o país influenciaram profundamente o rumo que o Brasil deveria tomar para se tornar um país de primeiro mundo.

E hoje, após todos esses anos, estamos trabalhando, lutando pelos mesmos projetos, pelos mesmos caminhos que Jango traçou há 60 anos. A história ainda fará justiça, e o Brasil deve isso a João Goulart.

Para concluir, trago o abraço fraterno do meu pai, que está vivo, mora em Juiz de Fora, tem 103 anos e continua apoiando os movimentos. Eu não poderia deixar de estar aqui hoje para prestar essa homenagem. Há também pessoas que foram meio que correligionárias dele aqui presentes.

Agradeço a todas essas pessoas que lutaram, sofreram, passaram por dificuldades, mas continuam na luta. Um grande abraço para todos vocês, e um abraço fraterno do meu pai.

***A luta continua!***



## Luiza Coelho

Diretora de Comunicação da União Nacional dos Estudantes (UNE) e estudante de Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Boa tarde a todos e todas!  
É um prazer estar aqui com vocês hoje. Gostaria de, primeiramente, agradecer pelo convite. É claro que estaríamos presentes. A ABI sempre está presente em nossos eventos e é uma superparceira nossa. Gostaria de saudar os familiares de João Goulart que estão presentes. Gostaria também de saudar, em nome de todos os artistas, o neto de João do Vale, Gabriel Vale, maranhense como eu. E, por fim, saudar todos os estudantes, em nome de Mabel Almeida, estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e representante da União Nacional dos Estudantes (UNE) no estado do Rio de Janeiro.

É muito importante lembrarmos que, exatamente 60 anos atrás, acontecia aqui no Rio o Comício da Central, um marco importante para o Brasil, que colocava as reformas de base no centro do debate.

Naquele momento, a UNE distribuiu um panfleto que dizia: “O golpe reacionário está em marcha. É preciso que o povo se organize para o contragolpe”. O texto do panfleto fazia a denúncia: “Quem quer o golpe são os latifundiários ameaçados pelo decreto da Supra”. Esse foi um momento muito importante no nosso país. E a União Nacional dos Estudantes estava presente, panfletando e conscientizando a população sobre o momento que a gente vivia de ameaça à democracia.

Gostaria de aproveitar este espaço para falar sobre isso. Relembrar que, há 60 anos, o Brasil foi empurrado para um dos momentos mais sombrios de sua história, com a violência de uma ação militar obscura construída e apoiada por setores conservadores e poderosos da sociedade civil. A democracia foi ao chão, deixando a vitória parcial da incerteza, da irracionalidade e da exceção.



Incêndio no prédio da UNE na praia do Flamengo.  
Foto: Agência O Globo - 01/04/1964

Sem dúvida, a juventude foi a principal atingida por esse evento histórico, que escolheu jovens e nossos sonhos como sua maior ameaça, como inimigo a ser combatido e aniquilado. A maior evidência dessa escolha está na primeira ação organizada da ditadura militar: queimar e metralhar a sede da União Nacional dos Estudantes, localizada aqui no estado do Rio de Janeiro.

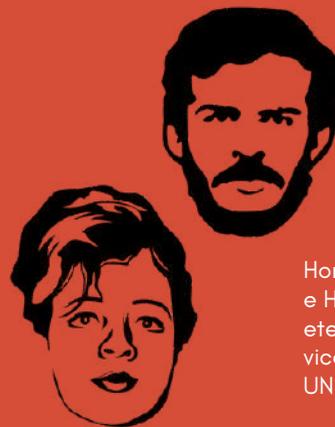
Nós, lutamos por memória, justiça e verdade. Na posse da nossa gestão da UNE, em agosto de 2023, realizamos a posse simbólica de Honestino Guimarães e Helenira Rezende como eternos presidente e vice-presidenta da nossa entidade. Contamos com a presença de seus familiares nesse evento.

Dando sequência a isso, nos comprometemos a relançar o Relatório da União Nacional dos Estudantes, feito em parceria com a Comissão Nacional da Verdade em 2015, que detalha como a ditadura afetou a educação brasileira e os estudantes. Nesse relatório, estão registrados os 85 estudantes universitários que foram mortos e desaparecidos durante o período da ditadura militar.

Vamos realizar, no próximo período, a 6ª Caravana da União Nacional dos Estudantes. Inclusive, a primeira foi interrompida pela ditadura militar. Continuamos valorizando a tradição da nossa entidade e dando continuidade ao futuro da educação brasileira.

A Reforma Universitária, que também era uma das bandeiras presentes no Comício da Central, continua sendo uma das principais bandeiras das entidades estudantis e estará presente durante a nossa caravana, junto com o relatório feito com a Comissão da Verdade.

Queremos a reinstalação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). Queremos isso, independentemente do que estão falando por aí. Nós vamos gritar mais alto! O silêncio não nos cabe. Relembremos o passado para que ele não se repita. Como dizia o jornal da União Nacional dos Estudantes, divulgado durante o período da ditadura militar: "É impossível prender a UNE. A UNE somos nós!". Então, viva a União Nacional dos Estudantes! Viva a ABI! Viva o Comício da Central! E viva a democracia brasileira! Muito obrigada!



Honestino Guimarães  
e Helenira Rezende,  
eternos presidente e  
vice-presidenta da  
UNE desde 2023.

# Panfleto

## DA UNE AO POVO BRASILEIRO

O GOLPE REACIONÁRIO ESTÁ EM MARCHA  
É preciso que o povo se organize  
para o contra-golpe

### QUEM QUER O GOLPE ?

- 1) os grupos estrangeiros ligados ao petróleo, às empresas de publicidade, à indústria farmacêutica.
- 2) os gorilas militares e civis.
- 3) os latifundiários ameaçados pelo decreto da SUPRA.
- 4) os comerciantes inescrupulosos ameaçados pela SUNAB.
- 5) Os grandes proprietários de imóveis que não mais poderão especular com a habitação das classes populares

### COMO SE ARTICULA O GOLPE ?

- 1) pela exploração dos sentimentos religiosos para fins políticos.
- 2) pela exploração de setores militares menos esclarecidos, principalmente em virtude da recente crise da Marinha.
- 3) pela articulação de governadores (Lacerda, Adhemar, Meneghetti, Ney Braga, Magalhães Pinto) da maioria do Congresso (UDN, PSD), para o «impeachment» do Presidente da República.

### ORGANIZAR O CONTRA-GOLPE E:

- 1) unirem-se os operários em seus sindicatos, esperando palavra de ordem do CGT;
- 2) organizarem-se tôdas as camadas populares para a resistência contra as articulações da minoria golpista;
- 3) aguardarem os estudantes a palavra de ordem da UNE.

**PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS**

**PELO PROSSEGUIMENTO DAS MEDIDAS  
PROGRESSISTAS E POPULARES**

**O GOLPE É A SENHA DO LEVANTE  
POPULAR PELAS REFORMAS**

**GOLPE É SENHA DE  
GREVE GERAL**

# Projeção de vídeo



Almino Afonso em mensagem de vídeo enviada à ABl.

## Almino Afonso

Ministro do Trabalho de João Goulart, ex-deputado federal (PSB-SP) e amigo da família Goulart

O comício das reformas sociais foi convocado, em grande parte, pela pressão das lideranças sindicais mais significativas, com o apoio caloroso do presidente João Goulart.

O comício se realizou em frente ao Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro. Entre os temas discutidos, todos importantes, um dos mais relevantes foi, sem dúvida, a questão da reforma agrária. O presidente enfatizou a necessidade de que a reforma agrária fosse realizada com a desapropriação das terras, a serem remuneradas com títulos da dívida pública, e não com dinheiro vivo. João Goulart acentuava quase num tom de gracejo: “Realizar a reforma agrária pagando-se em dinheiro não é uma reforma agrária, é, na verdade, um negócio agrário.” Essa mudança importante foi, a meu ver, um dos pontos centrais daquele comício na Central do Brasil.

Outra tese importantíssima foi a desapropriação das refinarias de petróleo. Várias delas já vinham se estabelecendo em diversos recantos do país. Cabia, pela proposta do presidente João Goulart, diretamente à Petrobras a tarefa de desapropriá-las em 40 dias, incluindo a Refinaria de Petróleo da Amazônia e a Refinaria de Petróleo Ipiranga, no Rio Grande do Sul. Tal medida implicaria, de forma absolutamente perceptível, um fortalecimento da Petrobras e, eu diria, do monopólio estatal do petróleo de maneira bem específica.

Outro tema, seguindo a linha básica já cultural, foi a reforma universitária. A proposta incluía a extinção da cátedra vitalícia, prevalecendo, ao contrário, os concursos universitários regulares, em que cada um assuma a sua tese e exerça a sua tarefa cultural.

A outra tese era a política eleitoral, especificamente o direito de voto aos analfabetos, que foi fortemente enfatizada pelo presidente João Goulart nesse comício. A outra tese era assegurar ao jovem de 18 anos a participação nas diversas tarefas políticas, como um direito inerente ao fato de ter alcançado essa idade.

Houve outros temas que também ganharam significação maior, mas creio que o ponto central era dizer à população que o presidente queria falar em nome dos interesses do povo. Para isso, ele também sugeriu aos membros do Congresso Nacional que estudassem a possibilidade de realizar um plebiscito. Assim, os temas em debate poderiam ser decididos pelo próprio povo, favorecendo cada uma das teses com o seu veredito final.

# O discurso de Jango

## 4ª Parte



João Goulart no palanque do Comício da Central. Foto: Acervo Lemad | USP.

*Governo nenhum, trabalhadores, povo nenhum, por maior que seja o seu esforço, e até mesmo o seu sacrifício, poderá enfrentar o monstro inflacionário que devora salários, que inquieta o povo assalariado, se não forem efetuadas as reformas de estrutura e de base exigidas pelo povo e reclamadas pela Nação.*

*Tenho autoridade para lutar pela reforma da atual Constituição, porque esta reforma é indispensável e porque ela tem por objetivo único e exclusivo abrir caminho para a solução harmônica dos problemas que afligem o nosso povo. Não me animam, trabalhadores - e é bom que a Nação me ouça -, quaisquer propósitos de ordem pessoal. Os grandes beneficiários das reformas serão, acima de todos, o povo brasileiro e os governos que me sucederem. Serão o povo brasileiro e os governos que vierem, aos quais desejamos entregar uma nação engrandecida, emancipada e cada vez mais orgulhosa de si mesma, por ter resolvido mais uma vez, e pacificamente, os graves problemas que a História lhe impôs.*

*Dentro de 48 horas vou entregar à consideração do Congresso Nacional a Mensagem Presidencial deste ano. Nessa Mensagem, estão bem claras e bem expressas as intenções e os objetivos deste governo. Espero que os senhores congressistas, em seu patriotismo, empreendam o sentido social da ação governamental, que tem por finalidade acelerar o progresso deste país e assegurar aos brasileiros melhores condições de vida e de trabalho, pelo caminho do entendimento, isto é, pelo caminho da reforma pacífica e democrática.*

*Mas estaria faltando ao meu dever se não transmitisse, também, em nome do povo brasileiro, em nome específico dessas 150 ou 200 mil pessoas que aqui estão, o nosso caloroso apelo ao Congresso Nacional, para que ele venha ao encontro das reivindicações populares. Para que ele, no seu patriotismo, seja sensível aos anseios de uma Nação, que quer abrir o caminho, pacífica e democraticamente, para melhores dias e dias mais felizes para o povo brasileiro.*

“

***Acabei de assinar também hoje, ao dirigir-me para esta grande festa cívica, o decreto de encampação de todas as refinarias particulares.***

*Mas, trabalhadores, antes de finalizar, quero referir-me a um outro decreto que também acabo de assinar, interpretando os sentimentos nacionalistas desta Nação. Acabei de assinar também hoje, ao dirigir-me para esta grande festa cívica, o decreto de encampação de todas as refinarias particulares.*

*A partir desta data, trabalhadores brasileiros, a partir deste instante, as refinarias de Capuava, Ipiranga, Manguinhos, Amazônia e Destilaria Rio-Grandense pertencem ao povo, porque pertencem ao patrimônio popular.*



Presidente Getúlio Vargas, à esquerda, desfilando em carro aberto no Rio Grande do Sul com João Goulart, à direita, que foi ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de seu governo (1953-1954). Foto: Arquivo Nacional.

*Procurei, trabalhadores, depois de estudos cuidadosos, elaborados por órgãos técnicos, depois de estudos profundos, procurei com esse decreto ser fiel ao espírito que criou a Lei 2.004 [de 3 de outubro de 1953, que dispõe sobre a Política Nacional do Petróleo, assinada pelo presidente Getúlio Vargas]. Lei que surgiu, que foi inspirada, nos ideais patrióticos e imortais de um brasileiro, que também continua imortal na nossa alma e no nosso espírito.*

*Ao anunciar, à frente desta multidão incalculável, o decreto de encampação de todas as refinarias particulares, eu desejo prestar com o povo brasileiro uma homenagem de respeito e solidariedade àquele que sempre teve respeito e foi solidário com os sentimentos do nosso povo. Quero prestar uma homenagem ao grande imortal presidente Getúlio Vargas.*

*Ele, trabalhadores, o imortal e grande patriota Vargas tombou, mas o povo continuou a sua caminhada. O povo e os trabalhadores continuaram a sua caminhada. E eu vivo hoje um momento de profunda emoção ao poder dizer que soube interpretar os sentimentos do povo brasileiro.*

*Ao lado dessas medidas - da maior significação para o desenvolvimento do nosso país e para a participação do povo brasileiro nas nossas riquezas, e especialmente nesta riqueza criada pela luta do povo brasileiro, que foi a luta memorável pelo petróleo e pelo monopólio -, eu sinto que para medidas nacionalistas desta significação, o povo estará sempre presente nas ruas e nas praças públicas, prestigiando o governo, que pratica atos como esse. Mostrar às forças reacionárias que o povo há de continuar a sua caminhada. (Cont.)*

“

***O imortal e grande patriota Getúlio Vargas tombou, mas o povo continuou a caminhada.***



# José Ronaldo Alves da Cunha

Arquiteto e presidente da Fundação Darcy Ribeiro



Darcy Ribeiro, antropólogo, educador, ministro da Educação e ministro-chefe da Casa Civil do governo João Goulart, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB) e ex-senador da República, falecido em 1997.

Eu gostaria de expressar a vocês toda a nossa solidariedade, apoio e dedicação a uma luta que vem de longe, desde 1954, quando Getúlio Vargas deu um tiro no peito. Dez anos depois, tivemos o golpe.

Então, nós sabemos que o Brasil tinha um trajeto a ser seguido e, infelizmente, ele foi interrompido no meio do caminho. Porém, as coisas que aconteceram nesses dez anos e o que estava por vir precisam ser lembradas e divulgadas, para que todos saibam o que estava acontecendo.

Não podemos permitir que 21 anos de apagamento revertam a nossa vida. É necessário que o país retome a história de João Goulart. O país deve isso a João Goulart, deve isso a si mesmo, deve isso ao povo brasileiro.

Muito obrigado, em nome de Darcy Ribeiro, que foi um grande admirador e companheiro de Jango. Ele estava presente no Comício da Central.

Um grande abraço a todos.

Muito obrigado.



Darcy Ribeiro em pé junto a João Goulart.  
Foto: Acervo Fundar | Agência Senado.



## Ivan Cavalcanti Proença

Jornalista, escritor, professor universitário, doutor em Literatura Brasileira, ex-capitão do Exército e ex-presidente do Conselho Deliberativo da ABL

Nós temos nos dirigido ao longo deste encontro ao presidente da ABL, Octávio Costa, ao Conselho Deliberativo e, de forma subentendida, às comissões e ao núcleo Voz Ativa, representado aqui pela querida conselheira e antiga militante, Irene Cristina. Enfim, a todos que compõem a direção e coordenação da ABL, ou mesmo àqueles que têm presença constante na ABL.

Eu vou um pouquinho mais longe. Quero também me referir aos funcionários da ABL. Dirijo-me a eles de uma maneira muito especial, porque, nesses anos todos de ABL - sou um veterano aqui e ocupei vários cargos, inclusive como presidente do Conselho Deliberativo algumas vezes -, presenciei o contexto de uma situação econômica muito difícil na ABL. Esses funcionários se mantiveram trabalhando, compreendendo o quadro, e hoje eu os homenageio nos nomes de Robson de Almeida Ramos e Marcelo Farias.

Primeiro, eu gostaria de dizer que estamos hoje aqui, neste evento belíssimo, "remoendo", benditamente, o passado. O presidente Lula precisa ouvir isto. "Remoer" o passado significa que estamos solidários com ele.

Exatamente porque pensamos no passado, nós o apoiamos, presidente. Então, espero que haja uma revisão dele diante de suas últimas declarações.

Vou procurar ser breve. Primeiro, a questão do Comício da Central do Brasil, um fato muito curioso. Hoje, quando eu vinha para cá, pouco antes, a Ísis, uma guerreira de lutas, companheira, amiga e mulher há tantos anos, apresentou-me um vídeo que um desembargador havia enviado para nós. O vídeo era de uma reunião da UNE (União Nacional dos Estudantes) após o incêndio em sua sede, com os estudantes cantando o hino da entidade, e a sigla da ABL aparecia no ângulo superior esquerdo. Olha o tempo, as coisas como são. E sabem qual foi a companhia que eles escolheram acoplada aos cantos de resistência da UNE? A fala do presidente João Goulart. Olha, isso é inacreditável! Eles aproveitaram um trecho da fala do presidente, no qual ele falava sobre a democracia e a ânsia de liberdade. E, no final, diz assim: "Isto é para o povo brasileiro". Assim termina o cântico dos estudantes da UNE e as homenagens que eles prestaram. Algum presidente gostaria de uma homenagem mais importante do que essa da juventude?

Há outro fato que também vou narrar para vocês. Curioso, entre os filmes em que estou participando - vocês sabem, nesta época somos solicitados para dar entrevistas, documentários - fui convidado pelo Sílvio Tandler para participar de um filme dele. E eu sabia que, para esse Comício da Central do Brasil, o Jango estava ciente de várias chances de uma ação perigosa, terroristas, bombas. Havia ameaças de toda natureza. Por isso, ele pediu à senhora [dirigindo-se para Dona Maria Thereza, na plateia] que não fosse ao comício. E a senhora teimou, teimou e foi.

Então, isso eu quero destacar. E como eu fiquei sabendo? Porque isso vai constar do filme do Sílvio Tandler, ao lado da minha entrevista. É mais um fato que eu considero importante.

Quanto ao comício em si, quero desfazer dois enganos. Primeiro, que o comício foi a gota d'água para o golpe. Mentira. Não foi. O golpe já estava previsto, como confessaram vários daqueles golpistas. Além disso, o próprio embaixador dos Estados Unidos, atrevido, confessou que estava tramado. Haveria a tentativa de golpe de qualquer jeito. Segundo, a contradição. O presidente Jango largou o texto que foi estudado, pensado e estruturado, e falou de improviso, em boa parte. E o improviso é a franqueza. É no improviso que o orador se expõe com mais franqueza. E esse ato de improvisar é algo que deve ser lembrado por todos nós ao longo dos tempos.

Eu queria dizer o seguinte. Isso serve de motivo para uma constatação de contradição. No dia 13, Jango vibrou com o povo. O povo ao lado dele. E 18 dias depois, o presidente abdica. Mas a contradição, diziam os filósofos, desde Platão e Aristóteles, pode ser conciliada pela dialética. E sabem qual é a dialética? O presidente viu que - e eu vou afirmar com toda veemência - foi traído por

alguns militares, companheiros nossos. Foi traído por políticos, governadores. O presidente se sentiu muito só. E não sabia, porque também fomos surpreendidos com a adesão que recebemos contra o golpe, inclusive da tropa que veio de Juiz de Fora.

Nós estávamos nos Dragões da Independência [regimento encarregado da guarda do Presidente], eu e o coronel Carnaúba, e recebemos os militares da tropa de Juiz de Fora, vários dizendo "nós não aceitaremos o golpe". "Esperaremos a ordem que venha dos senhores, dos comandos, para nos negarmos ao golpe"

Eu fui com meus subordinados para o Palácio Laranjeiras imediatamente, às 5h30 da manhã do dia 1º de abril de 1964. O presidente já tinha ido para Brasília. Aí, voltei e assumi o Comando da Guarda do Ministério da Guerra. Por quê? Porque no segundo andar estavam reunidos os dois generais e os coronéis do golpe. E eu assumi o Comando da Guarda. Foi nessa ocasião que houve o episódio dos sargentos que vieram denunciar o início do massacre, que ocorreria ali perto, na sede da Faculdade de Direito da UFRJ, mas aí já é outro assunto.

Estou narrando isso porque, de fato, o golpe poderia ter sido evitado, mas o presidente Jango não teve conhecimento dessas etapas.

E, encerrando a minha participação, gostaria de citar a presença dos militares - comandantes, coronéis - que enfrentaram o golpe de 64. Eles foram cassados, presos e perseguidos durante 21 anos. Comandante Luiz Carlos Moreira, comandante Barroso, comandante Fernando Santa Rosa, da Marinha, capitão Bezerra, que cuida dos praças que não foram anistiados, Pedro, filho do brigadeiro Rui Moreira Lima, herói da Segunda Guerra Mundial, e registrar a presença da Cláudia, filha do capitão Lamarca. Muito obrigado!



# O discurso de Jango

## 5ª Parte

João Goulart no Comício da Central. Foto: Reprodução do site do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

*Nessa Mensagem, trabalhadores, que enviarei à consideração do Congresso Nacional, estão também bem consignadas duas outras reformas que o povo brasileiro exige, porque é uma exigência do nosso desenvolvimento e da nossa democracia. Refiro-me à reforma eleitoral, a reforma ampla que permita a todos os brasileiros maiores de 18 anos ajudar a decidir nos seus destinos, que permita a todos os brasileiros que lutam pelo engrandecimento do seu país a também poderem participar dos destinos gloriosos do Brasil. Nesta reforma, propugnamos pelo princípio democrático, princípio democrático fundamental, de que todo alistável deve ser também elegível.*

*Também está consignada nessa Mensagem a reforma universitária, reclamada pelos estudantes brasileiros, pelos universitários, que sempre têm estado corajosamente na vanguarda de todos os movimentos populares e nacionalistas.*

*Ao lado dessas medidas e decretos, o governo continua examinando outras providências de fundamental importância para a defesa do povo, especialmente das classes populares.*

*Dentro de poucas horas, outro decreto será também dado ao conhecimento da Nação. Trata-se do decreto que vai regulamentar o preço extorsivo e abominável dos apartamentos que encontram-se vazios.*

*Ele vai regulamentar os apartamentos e residências que estão desocupados e que hoje chegam a afrontar o povo e o Brasil, oferecendo até pagamento em dólar para um apartamento brasileiro, que deve ser entregue em cruzeiro, no dinheiro do povo, na moeda deste país.*

*Estejam tranquilos que dentro em breve esse decreto será uma realidade. E realidade há de ser também a rigorosa e implacável fiscalização para que seja cumprido o decreto do aluguel.*

“

***O governo, apesar dos ataques e insultos que tem sofrido, não recuará um centímetro sequer na fiscalização que vem exercendo contra a exploração do povo.***

*O governo, apesar dos ataques e insultos que tem sofrido, não recuará um centímetro sequer na fiscalização que vem exercendo contra a exploração do povo.*

*E eu faço um apelo ao povo carioca para que ajude o governo na fiscalização da exploração contra o povo, a exploração contra o Brasil. Aqueles que desrespeitarem a lei, explorando o povo - não interessa o tamanho de sua fortuna, nem o tamanho de seu poder, esteja ele, povo carioca, em Olaria ou aqui na Rua do Acre - que ele há também de saber pagar, perante a lei, a responsabilidade do seu crime.*



# Repercussão



Primeira página do jornal *Última Hora*, de 14 de março de 1964: "No grande comício de ontem na Praça da República - o maior da história do Brasil, reunindo uma multidão calculada entre 150 e 200 mil pessoas - o presidente da República afirmou que 'democracia é precisamente isto: o povo livre para manifestar-se na praça pública'. Apesar da campanha de terror ideológico e de sabotagem organizada pela reação."

Reprodução da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

## JG: REFORMA DA CONSTITUIÇÃO

### CHIPRE APELA À ONU

Nação árabe, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Segundo o ministro da Defesa do Chipre, a situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963, é uma situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Em 1963, o ministro da Defesa do Chipre, a situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963, é uma situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Inverno  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.



### Discurso petróleo e fogo

As palavras do chefe de governo, ao pronunciar o discurso, foram recebidas com entusiasmo pela multidão que se reuniu na praça.



### BRIZOLA É CONTRA O ATUAL CONGRESSO

Alto parlativo, o ministro da Defesa do Chipre, a situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963, é uma situação de emergência que se vive no país desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Discurso  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

### ENCARNAÇÃO

Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Discurso  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

### ARRAES REITEIROU APOIO AO GOVERNO

Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Discurso  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Perante a multidão, que compareceu, ontem, ao Comício das Reformas, após 15 oradores na Praça Cristiano Ottoni, o presidente da República pronunciou longo discurso, em que encareceu, mais uma vez, a urgência das reformas de base.

Encareceu, por diversas vezes, a necessidade de ser revista a Constituição, que 'é antiquada e não atende mais aos anseios do povo e do desenvolvimento da Nação'. Fez, a propósito, apelo ao Congresso para que 'venha ao encontro das reivindicações populares'.

CONCLUSÃO  
O discurso do presidente da República foi recebido com entusiasmo pela multidão que se reuniu na praça. O presidente encareceu a urgência das reformas de base e fez apelo ao Congresso para que venha ao encontro das reivindicações populares.

ARRAES  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Discurso  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Discurso  
Um ano de trabalho árduo, dedicado ao estudo da situação política e social do país, sob o domínio britânico, o Chipre pede ao Conselho de Segurança da ONU que intervenha para pôr fim à situação de emergência que se vive no país, desde a fuga e o confinamento de 200 mil turcos, em julho de 1963.

Primeira página do Correio da Manhã, de 14 de março de 1964. "Perante a multidão, que compareceu, ontem, ao Comício das Reformas, após 15 oradores na Praça Cristiano Ottoni, o presidente da República pronunciou longo discurso, em que encareceu, mais uma vez, a urgência das reformas de base. Acentuou, por diversas vezes, a necessidade de ser revista a Constituição, que 'é antiquada e não atende mais aos anseios do povo e do desenvolvimento da Nação'. Fez, a propósito, apelo ao Congresso para que 'venha ao encontro das reivindicações populares'." Reprodução da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.



# Iniciado o Processo de Encampação Das Refinarias Além de Assinado o Decreto Desapropriador da SUPRA

1964 MAR 14 - 14 de Março de 1964 - 14 de Março de 1964 - 14 de Março de 1964

## O GLOBO

FUNDAÇÃO DO SENHOR MARCOS

### A Direção da Câmara Vai Defender Seus Interesses Diante do Ato do Governo

Com o decreto assinado pelo presidente João Goulart, a Câmara Municipal de Petrópolis vai defender seus interesses diante do ato do governo que encampa as refinarias. A direção da Câmara Municipal de Petrópolis vai defender seus interesses diante do ato do governo que encampa as refinarias.



ESTA EDIFICAÇÃO É COMPOSTA DE 3 CASERMS

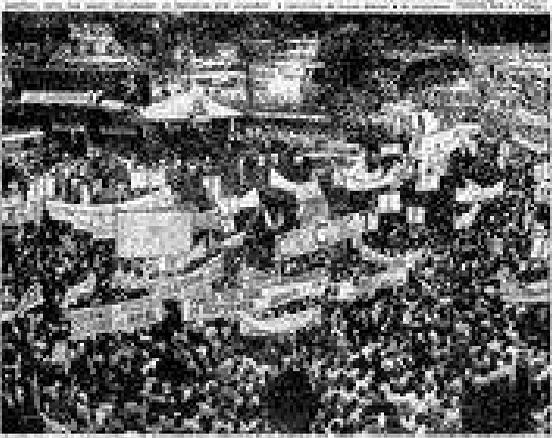


### ULTIMATO TURCO A CHIPRE: CONVOCADO O CONSELHO DA ONU

Um ultimato turco exigindo a retirada imediata das tropas britânicas de Chipre foi encaminhado ao Conselho de Segurança da ONU. O Conselho foi convocado para discutir a situação.

### Kubitschek Passará à Ofensiva em Defesa de Sua Candidatura

O governador Kubitschek passou à ofensiva em defesa de sua candidatura para o cargo de governador de São Paulo. Ele afirmou que continuará fazendo para que o processo democrático siga o caminho pacífico.



### Treze Oradores Falaram no Comício Das Reformas

Um comício realizado na Praça Cristiano Ottoni contou com a presença de treze oradores. O presidente João Goulart participou do evento e afirmou que tudo continuará fazendo para que o processo democrático siga o caminho pacífico.



### Lacerda Pede ao Carioca Que Eleja Hélio Beltrão

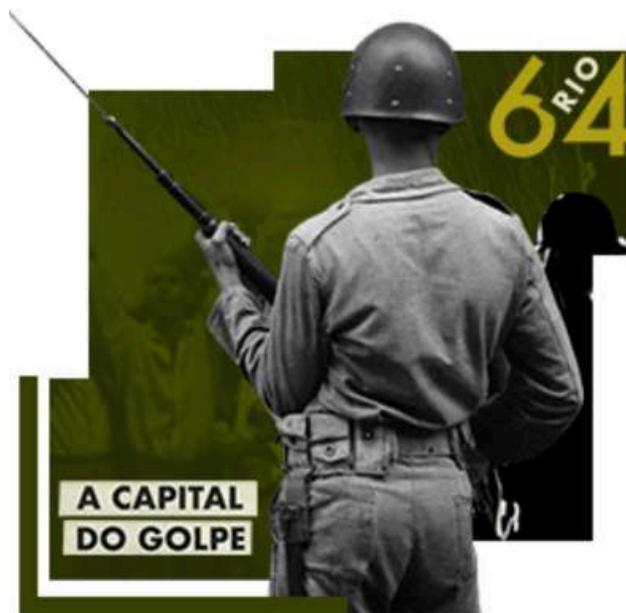
O governador Lacerda pediu ao povo carioca que eleja Hélio Beltrão para o cargo de governador de Rio de Janeiro. Ele afirmou que Beltrão é o candidato mais adequado para o cargo.



Primeira página do jornal O Globo, de 14 de março de 1964: "O presidente João Goulart firmou os dois decretos pouco antes de seguir para o comício da Praça Cristiano Ottoni. A Petrobras terá 30 dias para promover a desapropriação das ações das refinarias, executando-a, amigável ou judicialmente, com seus próprios recursos. No comício, o presidente afirmou que tudo continuará fazendo para que o processo democrático siga o caminho pacífico, para que sejam derrubadas as barreiras que impedem a conquista de novas etapas e do progresso." Reprodução Acervo O Globo.



# EXPOSIÇÕES



## GOLPE 64

Curadoria: Heloisa Starling

Reprodução da versão virtual da exposição **Rio 64: A Capital do Golpe**, realizada no saguão do 9º andar da sede da ABL, disponibilizada no site Rio Memórias. Link: <https://riomemorias.com.br/exposicoes/>

## Introdução à exposição

Curadoria: Heloisa Starling e Danilo Marques

Há 60 anos, um golpe civil-militar deu início a uma ditadura que, por 21 anos (1964-1985), fez o Brasil viver um dos períodos mais sombrios de sua história. A deposição do presidente João Goulart era mais um capítulo da cultura golpista brasileira — uma história que por diversas vezes teve o Rio de Janeiro como palco principal. E, no caso do golpe de 1964, embora a capital federal fosse Brasília, o Rio não deixou de ser protagonista: foi aqui que o presidente João Goulart decidiu realizar o comício para demonstrar seu apoio popular e foi no Maracanã que as tropas do General Olympio Mourão Filho assentaram base, ao chegar de Juiz de Fora, apenas para citar dois exemplos.

As 60 “memórias” que compõem a mostra abarcam o período compreendido entre 1º de janeiro e 15 de abril de 1964. No campo político, encontram-se eventos tais como o discurso de João Goulart no Automóvel Clube, o governador Carlos Lacerda sitiado no Palácio Guanabara e a Revolta dos Marinheiros. No universo cultural, 1964 foi o ano de lançamento de “Deus e o diabo na terra do sol” — marco do Cinema Novo dirigido por Glauber Rocha, e do auge de “Samba esquema Novo”, álbum de Jorge Ben Jor que quebrou o recorde da indústria fonográfica, ao vender 100 mil cópias. Foi também em 1964 que aconteceu a “epidemia do beijo”, uma resposta da população ao anúncio feito pelo secretário de segurança do Rio de que seriam presos todos que se beijassem na boca em público.

Em meio às disputas políticas, de um lado, e os sucessos culturais, de outro, a população mais pobre enfrentava seus próprios problemas — que não eram novos. Em janeiro, os moradores da favela do Pasmado, em Botafogo, tiveram que sair às pressas de suas casas, por conta de um incêndio criminoso. Em março, foi a vez da favela Getúlio Vargas, no Leblon, seus moradores foram obrigados a se mudar para bairros distantes da zona oeste, tais como Bangu e Vila Kennedy.

Não são novas também as tentativas de golpe. Os eventos abordados nessas exposições — presencial e virtual — fazem parte de um passado que, por vezes, insiste em se impor no presente. Olhar para o golpe de 1964 provoca importantes reflexões para que possamos pensar, coletivamente, sobre caminhos para o fortalecimento da nossa democracia, tão duramente atacada em diversos momentos da história do Brasil.

## Comício da Central do Brasil

13 de março de 1964

Isabella Souza

Ainda era manhã quando a multidão começou a se formar ao redor do palanque erguido na Estação Central do Brasil. Caravanas de todos os estados chegavam sem parar e o tom cinzento dos prédios foi cedendo lugar às faixas e cartazes trazidos pelos quase 300 mil brasileiros que queriam ouvir o presidente João Goulart anunciar as Reformas de Base, no comício marcado para às 17h30.

O evento, que contou com a presença de nomes significativos da política nacional, como Darcy Ribeiro, Miguel Arraes e Leonel Brizola, seria para Jango o anúncio do apogeu de suas realizações na Presidência da República. As Reformas seriam o início de um movimento em direção ao desenvolvimento social e à prosperidade econômica, sem depender do capital estrangeiro.

Diante da multidão, Goulart anunciou medidas para garantir as reformas agrária, urbana, educacional, tributária e eleitoral. Comunicou ainda que garantiria a emancipação de refinarias de petróleo privatizadas, tabelaria a cobrança dos aluguéis em todo o Brasil, desapropriaria terras improdutivas às margens de rodovias e ferrovias para dividi-las e disse contar com o apoio das Forças Armadas.

O clima político, no entanto, não era favorável. Enquanto grande parte da população recebia em êxtase os planos de Jango – sobretudo a população mais pobre, que ansiava pelo direito ao voto e à terra –, os jornais anunciavam que os ruralistas de Minas Gerais, inflados pela oposição, já estavam se armando para defender suas propriedades, ameaçadas pelo “comunismo janguista”.

O Presidente estava sendo acusado de atropelar a Constituição e de conspirar por um Golpe de Estado no país. A polarização política se instaurou definitivamente após o Comício da Central do Brasil e pode ser considerado o estopim para o golpe que o sucedeu.



*João Goulart e Maria Thereza Goulart no palanque. Em destaque, o capacete de um policial. 13/03/1964.  
Arquivo Nacional*



*Multidão se aglomera em defesa das Reformas de Base no Comício da Central do Brasil. 13/03/1964. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional*



*Cartazes levados pela população ao Comício, 13/03/1964. Arquivo Nacional*

## Deputado mineiro diz que ruralistas vão defender pelas armas suas terras

Belo Horizonte (Bucural) — O Deputado estadual Aníbal Teixeira (PRP) anunciou ontem que os fazendeiros do Vale do Rio Doce constituíram grupos armados em cada cidade para defender as propriedades da região a partir do dia 13, quando o Presidente João Goulart pretende assinar o decreto da Supra. Os ruralistas entendem que haverá invasão em massa depois de sexta-feira.

O Comandante da 4ª ID, General Carlos Luís Gomes informou ao JORNAL DO BRASIL que desconhece qualquer plano pensado em território mineiro para tumultuar o comércio da Central do Brasil, "nem notícia de quem vai à concentração".

O Deputado Aníbal Teixeira participou de duas concentra-

ções em Manogue e Carlos Chupe, no Vale do Rio Doce, para fundar a Liga Anticomunista das duas cidades e notou — segundo seu relatório — um clima de revolta e de agressão quando à assinatura do decreto de desapropriação de terras elaborado pela Supra. Nas duas concentrações de que participou estavam presentes dirigentes de entidades ruralistas de toda a região e representantes de cidades do Estado do Bahia, que não recordam a formação de grupos armados para defesa de suas propriedades, dia e noite, a partir do dia 13. Os fazendeiros consideram que a assinatura do decreto provocará a invasão em massa das propriedades por parte de camponeses

agrupados nos sindicatos rurais da região.

Embora o Comandante da 4ª ID informe que a situação em Minas é de absoluta calma e que desconhece movimento para provocar distúrbios no comércio da Central do Brasil, transpôs ontem, em meios ligados à Federação das Associações Rurais de Minas, que no dia 13 de fevereiro, um dia após a concentração da Frente de Mobilização Popular, os dirigentes do movimento contrário à venda do Sr. Leônidas Brásola se reuniram e decidiram proceder da mesma forma no comércio do dia 13. Contudo, a medida em que os dias passavam foi aumentando o interesse das autoridades e não se tratou mais de

Recorte do Jornal do Brasil sobre reação da oposição às reformas propostas por Jango. 10/03/1964. Rio de Janeiro. Jornal do Brasil – Hemeroteca Digital / Fundação da Biblioteca Nacional



Trecho do filme "Jango", de Sílvio Tendler

Share



YouTube

*Vídeo de movimentações nas ruas pelo Comício da Central do Brasil. Trecho do filme "Jango", de Sílvio Tendler*

APOIO



Financiadora de Estudos e Projetos

REALIZAÇÃO



Associação Brasileira de Imprensa